

## *PAGMEJERA, PAGMEJERA,* DE VERA RANDAZZO

### *PAGMEJERA, PAGMEJERA, BY* *VERA RANDAZZO*

Maria Aparecida Soares Ferreira Banfi  
(UNEMAT)<sup>1</sup>

Tieko Yamaguchi Miyazaki  
(UNEMAT)<sup>2</sup>

**RESUMO:** Em 2008, foi publicada pela Academia Matogrossense de Letras e Universidad do Estado de Mato Grosso, UNEMAT, a coletânea de crônicas e contos intituladas *Pagmejera, pagmejera!* de Vera Yolanda Randazzo, que compõe o volume VI, intitulado *Vozes Femininas*, da coleção Obras Raras. As peças do livro haviam sido publicadas em vários jornais da cidade de Cuiabá na década de 60, e, depois, em 1969 reunidas pela autora em um livro, com o mesmo título. Numa leitura mais precisa, percebe-se que o livro na

<sup>1</sup> Mestre em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, da UNEMAT, câmpus de Tangará da Serra, MT. [giribanfi@hotmail.com](mailto:giribanfi@hotmail.com)

<sup>2</sup> Docente do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, da UNEMAT, câmpus de Tangará da Serra, MT. [tymiyazaki@gmail.com](mailto:tymiyazaki@gmail.com)

verdade não consiste totalmente de crônicas propriamente ditas. Entre essas narrativas, existem aquelas em que se observa uma atmosfera um tanto fantástica, caminhando para a história popular. Há textos que não são crônicas, nem conto, mas canto. O universo em que se move a autora é predominantemente o do estado de Mato Grosso. A cidade de Cuiabá é o centro – nunca nomeada como capital do estado. Denominada ‘Cidade verde’, devido à sua generosa arborização. Mas não é o espaço urbano o núcleo forte, dominante, irradiador, mas a periferia rural, indiciando bem o estágio de desenvolvimento social e econômico na época.

**PALAVRAS CHAVE:** Narrativa. Mato-grossense. Vera Randazzo. *Pagmejera, pagmejera.*

**ABSTRACT:** In 2008, was published by Mato Grosso Academy of Arts and State University of Mato Grosso, UNEMAT, a collection of chronicles and tales entitled *Pagmejera, pagmejera!* by Vera Yolanda Randazzo, which makes up the volume VI, entitled *Vozes Femininas*, from the *Obras Raras* collection. The book’s parts had been published in various journals from Cuiabá in the 60s, and then in 1969 it was gathered by the author in a book with the same title. A more accurate reading, it is noticed that the book does not actually consist itself of chronicles. Among these narratives, there are those that has a somewhat fantastic atmosphere, tending to the legend, popular history. There are texts that are not chronicles, or tale, but a kind of song. The universe that moves the author is predominantly the state of Mato Grosso. Cuiabá is the center - never named as the state capital. Called ‘Green City’ due to its generous afforestation. But is not the urban space the strong core, dominant, radiator but the rural outskirts, indicating the social and economic development stage at the time.

**KEYWORDS:** narrative. Mato Grosso. Vera Randazzo. *Pagmejera, Pagmejera.*

## Introdução

Em 2008, foi publicada pela Academia Mato-grossense de Letras e Universidad do Estado de Mato Grosso, UNEMAT, a coletânea de crônicas e contos intitulada *Pagmejera, pagmejera!* de Vera Yolanda Randazzo, que compõe o volume VI, *Vozes Femininas*, da coleção Obras Raras. As peças do livro haviam sido publicadas em vários jornais da cidade de Cuiabá na década de 60, e, depois, em 1969 reunidas pela autora em um livro, com o mesmo título. Por questões diversas, o livro ficou esquecido até a edição da coleção *Obras Raras*. No entanto, nesta reedição, não foram publicados todos os textos do primeiro livro<sup>3</sup>, que passou pelo crivo da autora. Foi reduzido a 31 peças, provavelmente porque compõe parte do volume *Vozes Femininas*. Não há registro escrito do critério utilizado, tanto na seleção quanto na ordem dos capítulos. Os textos selecionados pela autora sofreram alterações, atualizando-se a ortografia. Em “Murmúrios do Rio Cuiabá”, que se manteve como o segundo mesmo na nova ordem, acrescentou-se uma homenagem às mulheres que atuaram na construção do estado de Mato Grosso.

A escritora traz para a abertura aquele que fecha a edição primeira: “Pagmejera, pagmejera!”. Talvez não seria por acaso que, na segunda edição, o total de 31 capítulos seja encabeçado pelo significativamente dedicado à figura do Marechal Cândido Rondon. Segundo nota no prefácio, *Paguimejera* ou *Pagmejera* significa ‘Grande chefe’ em língua bororo, conferindo à obra um sabor regional e direcionando a leitura, pois o seu título remete à imagem do bandeirante e sua atuação no desbravamento do interior brasileiro. Como se sabe Cândido Rondon, encarregado pelo governo central de expandir o telégrafo pelo interior virgem do Brasil, fez-se defensor dos povos indígenas, ação durante a qual ficou famosa a sua frase: “Morrer, se preciso for; matar, nunca.”

Importante, por outro lado, destacar o período histórico desta produção, a década de 60, importante para a história da literatura

de Mato Grosso, segundo Hilda Magalhães (2001). Verifica-se um crescimento qualitativo na produção do estado, com a criação, a partir da década 50, das revistas *Ganga* e *O arauto da juvenília*, que se tornaram veículos para a divulgação de jovens poetas. Com o surgimento de novos escritores, a produção literária mato-grossense começa a ganhar certa consonância com a literatura do eixo Rio-São Paulo, fugindo de tendências estéticas tardias. Participa-se do então novo projeto estético do Modernismo. Destacam-se: Wladimir Dias Pino, Silva Freire, Ricardo Guilherme Dicke e Manoel Cavalcanti Proença. O grupo a que pertence Wladimir Dias Pino pratica uma literatura rebelde e experimental; mantém relação ainda com o local, porém numa abordagem crítica do mundo e do regional.

Numa leitura mais precisa, percebe-se no livro de Randazzo uma variação estrutural que nos leva a questionar se se trata de uma obra totalmente de crônica, como queria o prefaciador da primeira edição, já corrigida para “Crônicas e contos” na segunda. Provavelmente foi classificada na primeira edição como de crônica por diversas razões, tais como ser a publicação semanal, textos normalmente curtos, de duas páginas; geralmente com um único assunto ou tema. Em algumas, o narrador identifica-se como o escritor; ou melhor, identifica-se como a autora e faz referência a essa atividade literária de cronista. Às vezes elege, inclusive, como tema lembranças suas da terra natal, no Rio Grande do Sul. Há peças que se enquadram no gênero. Entretanto, uma boa parte delas mais se diria tratar-se de conto, pela forma de desenvolvimento de uma trama fictícia, envolvendo personagens e a própria observação do tempo e do espaço. Há uma ação que se transforma, com herói e anti-herói; com dano causado que se sana ou pune, conforme a morfologia propiana. E entre essas narrativas, há aquelas em que se observa uma atmosfera um tanto fantástica, caminhando para a lenda, para o relato popular, para o “causo”. Há texto que não é crônica, nem conto, mas canto. Embora se possa argumentar que a obra se caracteriza exatamente por uma maleabilidade estrutural

que exemplificaria e justificaria a dificuldade que teóricos encontram na sua padronização.

Afrânio Coutinho (1986) assegura que a crônica pode enquadrar-se nas seguintes classificações: a crônica narrativa (Fernando Sabino); a crônica metafísica (Machado de Assis); o poema-em-prosa (Manuel Bandeira); a crônica-comentário (Machado de Assis e José Alencar); a crônica-informação. Já Massaud Moisés (1986) sugere a distinção dicotômica: crônica-poema e crônica-conto. Antonio Candido (1992) distingue: crônica diálogo, narrativa, exposição poética e biografia lírica.

Nuclearmente, a escritora focaliza a história, a sociedade e a cultura de Mato Grosso. O universo em que se move a autora é, pois, predominantemente o do estado de Mato Grosso. A cidade de Cuiabá é o centro – nunca nomeada como capital do estado, mas denominada ‘Cidade verde’, devido à sua generosa (então) arborização<sup>4</sup>. Mas não é o espaço urbano o núcleo forte, dominante, irradiador. Além de Cuiabá, comparecem algumas outras cidades mato-grossenses, bem como algumas personagens históricas. Para cumprir esse compromisso com a história e a cultura, ela coloca no foco de sua lente a beleza particular das paisagens, sua vegetação, fauna, geografia singulares, e tipos humanos específicos.

Em muitas narrativas, o urbano aparece na verdade como o outro que atua sobre o espaço rural de alguma forma: ou seja, o espaço urbano age como uma força – benéfica ou não – que introduz no espaço rural o elemento desencadeador de uma movimentação que dinamiza e promove a narrativa. Como o outro, às vezes comparece como o objeto desejado – lugar para onde se quer ir, devido ao desconforto, à carência, ao tédio de todos os dias do universo rural. Promove a interação das personagens com o meio em que vivem, interferindo na maneira de ser e de agir delas. Os temas e os motivos podem, assim, ser subdivididos em: componentes da geografia – os rios, o cerrado, a fauna, e principalmente a flora; figuras humanas típicas como o agricultor, o pescador, a lavadeira, entre outros, em seus afazeres em sua

paisagem natural, com seu entorno de quintais, plantações agrícolas, criação de gado, e problemas específicos, principalmente os decorrentes das dificuldades econômicas e sociais. Numa abordagem nem sempre negativa, o tema feminino é recorrente: mulheres submissas a um modelo patriarcal, sem expectativas, sempre condicionadas ao pai, depois ao marido, aos filhos e às normas de um sistema. Comparecem também jovens sonhadoras, apaixonadas, protagonizando histórias de amor.

### **A história do estado de Mato Grosso.**

A escritora aborda a sociedade e a cultura de Mato Grosso, através de retrospectivas históricas em que se focalizam acontecimentos ocorridos desde o início da criação do estado até o período de produção do livro, destacando personagens já históricas e as tradições que vão ganhando corpo. A sua câmera finca o tripé principalmente na cidade de Cuiabá, de onde ela se abre para algumas outras cidades e vilas, através de referências a locais, a outros lugares da ação de personagens, e principalmente em domínios rurais ao redor delas. Ou seja, toda uma população rural se apresenta, encarnada por personagens em seus afazeres, em seu cotidiano de agricultores normalmente.

Para melhor compreender essa crônica procedemos antes uma *contextualização histórica*.

Segundo Elisabeth Siqueira (2002), Mato Grosso já foi território espanhol pelo tratado de Tordesilhas. As primeiras viagens dentro do Mato Grosso datam de 1525, quando Aleixo Garcia deixa Santa Catarina em direção à Bolívia, seguindo os rios Paraná e Paraguai. Mais tarde, portugueses e espanhóis são atraídos para a região pelos rumores de que havia uma grande quantidade de riqueza mineral na região. Por volta de 1673 e 1682, os bandeirantes paulistas Manoel de Campos Bicudo e Bartolomeu Bueno acampam

na confluência do rio Coxipó-Mirim com o rio Cuiabá, nomeando o local de São Gonçalo. Em 1718, Pascoal Moreira Cabral Leme sobe o rio Coxipó em busca de índios, e encontra jazidas de ouro, provocando assim uma corrida do ouro, fato que leva a povoar a região. Em 08 de abril de 1719, Moreira Cabral funda a Vila de Cuiabá, no local conhecido como Forquilha, e, invocando a proteção de Nossa Senhora da Penha de França, edifica ali uma capela. Em 1727, a Vila de Cuiabá recebe novo nome: Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá. Em 1748, cria-se a Capitania de Mato Grosso, sendo nomeado, para governá-la, D. Antônio Rolim de Moura.

De acordo com Elisabeth Siqueira (2002), em 28 de agosto de 1835 Francisco de Paula Magessi de Carvalho, governador da Capitania de Mato Grosso, eleva Cuiabá a capital. No entanto, não foi o suficiente para impulsionar o seu desenvolvimento. Com a guerra do Paraguai (1865-1870), foram atacadas várias cidades, mas não se atingiu a capital. Ao final da guerra, ocorre uma epidemia de varíola trazida pelos soldados que retornam da cidade de Corumbá. Metade da população cuiabana foi dizimada.

No início do século XIX, a extração de ouro diminui consideravelmente, entrando a economia em um período de declínio, e a população se estagna, o que vai durar até 1930. A economia do estado começa a melhorar com a introdução de ferrovias e telégrafos, com ligações rodoviárias de Goiás e São Paulo e implementação da aviação comercial. Com a transferência da capital federal (1950), há uma explosão no crescimento na população, nas décadas de 70 e 80. Em 1977, o Mato Grosso é dividido em dois estados: Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, tendo como capital, respectivamente, Cuiabá e Campo Grande.

## **Pagmejera! Pagmejera!**

O livro se abre, na edição de Obras Raras, com o panegírico à figura histórica do Marechal Rondon.<sup>5</sup>

Sintomaticamente, o texto começa com uma abertura protocolar semelhante à de contos populares e lendas: “Era uma vez”. Exatamente porque ela dá início a um contar a história nada menos que de uma criança, aqui denominada – como em Guimarães Rosa – de Menino, com maiúscula. A sua caracterização se faz pela constituição fisionômica centrada nos “olhos levemente oblíquos”. Segue-se a indicação de sua residência – “na grande casa” – que no entanto não é a de seus pais, mas de seu avô. Uma situação caracterizada por uma falta, portanto: a ausência dos pais, apesar do avô. De qualquer maneira, é criança órfã, coincidentemente bem dentro do modelo dos contos populares, e tão central para o entendimento ocidental, branco da família ideal. A carência materna – não há referência ao pai – é suprida também por tias – “de longos vestidos e luzidios cabelos atados em coques” – que se encarregam não só de sua educação como de “providenciar” a proteção futura: são católicos, por isso se valem do amor materno da Virgem Maria. A narrativa segue compondo os cenários de sua vida diária: na casa de adobe escuro, na sesmaria do Morro Redondo, a lida diária dos tios na doma de cavalos, no cuidado do gado, da roça. Mas também dos nados no rio Ibitiraí. Ou seja, de um lado a carência materna suprida, e, de outro, a carência paterna também sanada por tios, dedicados a lidas marcadamente masculinas. De ascendência indígena mas já miscigenada com europeus. Índios aculturados, portanto.

Está aí composta a situação inicial de uma narrativa que vai ser quebrada dando andamento à saga de Rondon, que já aparece como qualificado em uma esfera maior, superior, sacra. Um acontecimento se dará como uma revelação; o destinador lhe aparece durante o sono em forma de um *Manitô* – personagem de lendas antigas, explica o narrador – que lhe prenuncia o seu destino. Um grande destino, de eleito, principalmente a favor de seu povo. “[...] raça hoje perseguida e à beira do aniquilamento final, tu, filho dileto, foste o escolhido para protegê-la e redimi-las (sic)”.

O revelado se cumpre. E a narrativa segue contando a história de Rondon como herói cultural, que, tornando-se militar,

“desenrolou gigantescos carretéis de fios e ligou florestas e montanhas, sertões e pantanais com o litoral [...]”.

Para concluir: “ E sua bandeira levava o lema: ‘Morrer, se necessário for, matar nunca’”. Daí por que seu nome é murmurado pelos ventos, pelas cachoeiras, e pássaros.

E finaliza: “E os índios, de cujo sangue descendia, do norte ao sul dos sertões brasileiros, unidos na saudade, relembram seus feitos e cantam sua vida:

- Pagmejera! Pagmejera!

Eis aí a prova de reconhecimento e glorificação –ampliada no tempo e no espaço- do herói proppiano.

### **“Murmúrios do rio Cuiabá”**

Reiterando o já indicado acima, esse capítulo se manteve na seleção de 2008 como o segundo capítulo da primeira edição, o que confirma o entendimento sobre a isotopia básica da obra.

O título da crônica indica já uma personificação dupla - do rio que corta a cidade a que dá o nome – e de uma brisa. Uma estratégia retórica para compor o texto poeticamente, com duas personagens que asseguram movimento e voz ao diálogo que estrutura o enredo.

Por outro lado, o título –”murmúrios”- provoca um estranhamento, uma vez que rompe com o horizonte de expectativas do leitor que conhece o rio. Trata-se de um rio, não de riacho. A fala do rio seria uma ruptura na visão dele já consagrada. Mas para o leitor crítico, este sussurrar do rio sobre suas memórias, embora fragmentadas, determina uma perspectiva à narração da história, e dela não se pode esquecer, porque dá o tom ao confessado.

Ao longo do texto, faz-se necessário ao leitor crítico que deixe de lado as opiniões do senso comum, até então consideradas certas

dentro de um horizonte de expectativas e avalie as imagens que surgirão no decorrer da leitura. Assim, o rio expressa os seus sentimentos de dor, angústia e, por que não, de alegria por ainda estar levando Cuiabá para a história. É com essa conotação lírica que a autora expressa os seus sentimentos e idéias com relação ao rio, construindo uma rede de significação que levar a várias possibilidades de interpretação.

Deste modo, o termo “murmúrio” se deve ao fato de que o rio Cuiabá já não teria a mesma força de antes. Depois de muito tempo, esquecido por muitos, outros tantos não sabem que foi com e através dele que se construiu a história de Mato Grosso e Cuiabá; neste momento, ele apenas sussurra, pois deixou de ter a importância de outrora, permanece nas lembranças dos tempos de glória mas somente revividas pelos humildes.

A crônica se inicia com uma frase- “Foi num entardecer de abril!” -cujo destaque é dado ao apresentar-se ela sozinha, isolada, indiciando a instalação da enunciação; e também pela forma exclamativa, como um verdadeiro protocolo de abertura de uma fala que anuncia alguma coisa fora do comum, fora da normalidade. O narrador não identificado se apresenta assim anônimo mas carregado de traços que configuram uma subjetividade, bastante comprometida com o que vai narrar. Este, o objeto do relato, tem a sua importância, sua singularidade indiciada duplamente pelo tempo: o mês de abril que no hemisfério sul corresponde ao outono, a uma estação de temperatura mais amena; amenidade que se reitera na alusão ao período do dia: entardecer. Ou seja, o acontecimento parece saber quando deve ocorrer, o momento propício para sua recepção: uma modalidade de *tempus amenus*, a que poderá – ou não- corresponder um *locus amenus*.

Há, portanto, um primeiro nível narrativo: um narrador não identificado, mas caracterizado, em sua subjetividade, pela emotividade com relação ao que se propõe contar, e, na outra ponta

da comunicação, o narratário, de quem o primeiro espera uma receptividade equivalente à sua disposição anímica.

Assim começa esse narrador a sua narração, muito marcada em seu estilo, pela escolha das imagens com que vai construindo uma situação de comunicação que julga apropriada ao relato:

Uma brisa jovem e travessa brincava com o rio encrespando-lhe as águas, deliciada por entre as pedras, estufando as roupas que as lavadeiras estendiam nos arbustos das margens, derrubando galhos e flores na corrente. Depois, quando chegou a noite, cansada, aninhou-se com graça feminina no regaço do rio e pediu-lhe:[...] (RANDAZZO, 1969, p.11).

Dá-se entrada à primeira personagem, cujas características se enquadram nas de heroínas românticas, jovens inocentes, que se entregam a atividades de mesmo teor: não o vento, mas uma brisa, que se “delicia” com as águas do rio, com que, “travessa”, “brinca” “derrubando galhos e flores” na sua correnteza. Como efeito dessas brincadeiras, ela é vista como uma criança que sabe poder – e o faz – “aninhar-se” naquele em que reconhece o aconchego paterno: “aninhou-se com graça feminina no regaço do rio”.

E ainda segundo o modelo romântico das atividades desse tipo de personagem, transforma-se em uma criança que sabe poder exigir do outro um mimo que substitua as “travessuras” do dia: contar uma história. Uma cena bucólica, com matizes em que alguns elementos da realidade regional são convocados: o próprio rio, com suas águas escorrendo entre pedras, cercado de arbustos, estes floridos. E mais, toda ela, a cena, dominada por uma atmosfera feminina; além disso, juvenil e faceira. Neste ponto, o narrador dá voz à primeira personagem, cujo pedido, “-Conta-me sua vida!” - desencadeia todo o enredo que são as invocações das lembranças do rio.

Assim, introduzido pelo sinal gráfico do travessão, tem-se um discurso direto, e um segundo nível narrativo se instala, cujos

interlocutores são agora a brisa e o rio. A resposta do novo narrador é representada dentro do mesmo estilo: “No murmúrio musical e suave próprio dos rios, ele falou.” O vocábulo utilizado no título da crônica é retomado e ainda adjetivado: “murmúrio musical e suave”, Características que, segundo o narrador, seriam próprios do rio. Ou seja, o rio, antropomorfizado, fala em tom – baixo - apropriado ao teor emotivo do que vai narrar, isto é, adequado à intimidade que rege a comunicação entre as duas subjetividades em jogo: a brisa, menina, e o rio, educado, elegante:

Sou da família do Prata e descendente do lendário Xaraés<sup>6</sup> que outrora ocupou esta vasta região num domínio fabuloso. Cataclismos e o Tempo diminuiram nossas águas. Há cerca de trezentos quilômetros no meio de buritizais altaneiros, encontra-se, encontra-se meu berço natalino. (RANDAZZO, 1969, p.223).

A crônica *simula* uma narrativa baseada na memória do enunciador. O Cuiabá, antropomorfizado, para falar de sua história – ou seja, da história de Mato Grosso- vale-se de sua memória, volta no tempo e tenta recuperá-lo. Para isso desenvolve uma série de estratégias discursivas, amarrando os fatos, e tornando a sua fala mais interessante para o enunciatário.

O Rio Cuiabá, cheio de saudade, faz questão de revelar sua ascendência: originário de um verdadeiro clã – o Prata -, a que pertenceu também o Xaraés, a que o narrador qualifica como “lendário”, isto é, “hoje, agora, já lendário”. Ou seja, a origem do Cuiabá é representada como se situada *In illo tempore* do mito ou da lenda. Um tempo – “outrora” - de grandezas pelo domínio territorial – “vasta região”- que se pode denominar “domínio fabuloso”. E há um tempo decorrido entre esse então fabuloso e o presente: como nas histórias de grandes povos, os acontecimentos que modificaram esse estado primordial fabuloso são de igual proporção: cataclismas, “que diminuiram nossas águas”. E

novamente um traço da paisagem, uma paisagem específica, não tocada, com elementos bem regionais, a mata no interior do país: “buritizais altaneiros”, buritizais marcando a sua nobreza: “altaneiros”. Pertencente à bacia do Prata, originário do Xaraés o rio carrega consigo uma carga genética dentro de uma subjetividade ressignificada.

O narrador faz rapidamente uma localização geográfica—distante 300 km do aqui da enunciação, para delimitar, ao leitor desinformado, o lugar de suas origens. É, pois, a partir de sua visão que se conhece a história do Cuiabá. Ao longo da narrativa em que a voz do Cuiabá se projetará se ouve a história da cidade de Cuiabá e do próprio estado de Mato Grosso, marcando a importância que os rios tiveram no desbravamento e colonização do interior do país. Apontando, em seguida, a distância entre o aqui-agora da conversa e a cidade de Cuiabá, o rio introduz o seu ponto de partida: “-Ouves o rumor da cidade que tem o meu nome?”; e sintetiza: “Dei-lhe a vida.” Ele desenvolve com a brisa um diálogo sobre esta cidade, tomando como fulcro o cotidiano das pessoas que ali viveram e tiveram papel relevante.

Os episódios evocados seguem ordem cronológica. Começa-se com a época em que ali só havia índios: “Outrora havia só homens de pele cor de cobre em minhas margens e nas de meus afluentes, ou viajando sobre suas pirogas esguias”. (RANDAZZO, 1969, p.11). Compartilhando experiências ou testemunhando, a personagem prossegue: “-Pelas noites de luar, acendiam festivas fogueiras e, ao som dos atabaques, dançavam na areia macia. Seus pés escuros pisavam em estranhas pedrinhas”. (RANDAZZO, 1969, p.11). Mesmo como observador, o rio Cuiabá fazia parte desse contexto; por isso, pode contar:

- Mais tarde, nestes mesmos lugares, desembarcaram homens barbudos e brancos de vozes tonitruantes. Vinham cruelmente aprisionar meus inocentes filhos, para transformá-los em míseros escravos. Houve, porém,

algo mais precioso para estes brancos cobiçosos; em minhas, margens reboou um grito formidável: Ouro! (RANDAZZO, 1969, p.11).

Da mesma forma que prevalece a imagem idealizada dos indígenas – inocentes, transformados em míseros escravos- a imagem dos bandeirantes segue modelos prototípicos: denominados de “brancos”, chamam atenção pela barba – ausente nos índios- e pela voz – tonitroante, - talvez por contágio da percepção da arma para eles nova, de fogo e barulhenta. Igualmente, o grito da descoberta do ouro é referido dentro do mesmo padrão estilístico, épico, do *sermo nobilis*: um grito reboa, formidável. Sempre centro no ponto de vista possibilitado pela memória, o rio segue em seu testemunho sobre um longo período da história real, porém, dentro do caráter da crônica, a narração se faz sem aprofundamento. Uma nova paisagem vai surgindo, a população se transforma e vai-se configurando com a chegada de pessoas diferentes em busca de uma vida melhor. Os sentimentos e as angústias são retratados, especialmente das mulheres, retratadas em sua feminilidade, com a sua forma e valores específicos de sua condição.

-E logo surgiram embarcações diferentes, carregadas de mais gentes e provisões. As margens foram ficando movimentadas e em breve constituíram na parte mais elevada, casas rústicas, muito diferentes dos aldeamentos primitivos.

-E vieram mulheres que por amor a seus maridos, enfrentavam mundo desconhecidos... Banhavam em minhas águas seus compridos cabelos e mais tarde as primeiras crianças brancas nascidas ao meu lado...

-Sentiam-se tristes, pois não tinham lugar para suas orações, e seus homens levantavam a primeira capela de palha buriti, no meu afluente Coxipó sob a piedosa invocação de Nossa Senhora da Penha de França...(RANDAZZO, 1969, p.11- 12).

Curioso observar que o uso retórico das reticências: elas só aparecem quando se focaliza a população branca: “[...] As margens

foram ficando movimentadas e em breve constituíram na parte mais elevada, casas rústicas, muito diferentes dos aldeamentos primitivos...”. Quando se refere aos nativos elas não ocorrem. Pode-se supor que em relação a estes não havia muito a dizer, indiciando na verdade o pouco conhecimento da realidade indígena, de sua sociedade, suas histórias, seus modos de vida.

Além dos sentimentos religiosos expressos na devoção a uma determinada santa, indicando que também ali os povoados surgiam e se organizavam ao redor de uma capela, há referência a expedições de bandeirantes, à política e, acima de tudo, a pessoas anônimas importantes na construção de Mato Grosso.

Isso enquanto observador, porque em determinado momento o rio se coloca e se declara como personagem da história, ainda que de forma quase anônima, mas importante porque lhe confere um conhecimento mais íntimo da população: ele se apresenta como confidente: “-Mas nunca souberam que sempre que lhes ouvi as preces ou que sobre mim caíram lágrimas de saudade, as recolhi e minhas águas as levaram aos seus destinos”. (RANDAZZO, 1969, p.12). Se até então se restringira a focalizar a movimentação junto às suas margens, em determinado momento passa a falar de seu papel na história da comunidade nascente. Não se trata mais de falar d’ELES, mas de NÓS. O rio, como elemento nativo, que, portanto, pertence ao mesmo domínio dos “acobreados”, se reconhece como envolvido em todo o processo de integração. Uma integração não só para a sobrevivência física dos alienígenas – alimentando-os com seus peixes -, mas uma integração social – oferecendo condição para o repouso, a recompensa pelo trabalho – mas acima de tudo uma integração amorosa:

- Porque já não me eram desconhecidos esses brancos, amava-os como filhos, como amava os acobreados. Era eu que os alimentava com meus peixes saborosos, os gordos pacus, jaús, pintados os rútilos dourados. Era em mim que se divertiam à tardinha, quando cansados

do trabalho vinham retemperar-se em minhas águas frescas...  
(RANDAZZO, 1969, p.12).

Sinteticamente os principais passos do desenvolvimento da região (ainda que o período em que Mato Grosso se transformou em Capitania não apareça) são apresentados, na heterogeneidade dos eventos, das personagens, levando o leitor a imaginar, criar, preencher com eles os espaços silenciados: “-E as embarcações sucediam-se cada vez maiores e mais atulhadas. Padres e soldados, aventureiros e marafonas, desiludidos da civilização e comerciantes. Vinham administradores enviados por reis longínquos...”  
(RANDAZZO, 1969, p.12)

Mas nem tudo nesse processo é avaliado positivamente: no momento de produção da crônica já era possível à autora incluir na fala do rio adjetivos tais como ‘filhos já não tão inocentes’, para expressar a relação branco/indígena, o papel do “valor das pepitas”, o mal dos garimpos, causando a cobiça, a inveja, a maldade. O que, no entanto, valeu a Mato Grosso a elevação a capitania. Dessa visão crítica da exploração de minérios na região é que surge essa personagem que, de testemunho, passa a personagem que protagoniza, que vem a desempenhar a função de oponente, amorosamente poetizado na figura de mãe que esconde o objeto cobiçado:

- Meus filhos já não tão inocentes, eram agora amigos dos brancos e também estavam aprendendo o valor das pepitas...

-Naturalmente quando descobri que era por causa destas pepitas que se implantava nos homens a cobiça, a inveja, a maldade, até cometer crimes monstruosos, tratei de escondê-las, o mais possível no seio das minhas águas...

Não era mais com a facilidade inicial que as retiravam de dentro do cascalho e areia. Tinham que cavar minhas encostas, fazer afanosamente canais, transportar águas. (RANDAZZO, 1969, p.12).

Esse panorama se fecha na síntese:

- E assim nasciam, cresciam e morriam. Ouvia-lhes suas alegres risadas, suas melodiosas canções, a conversa vibrante das mulheres e crianças, os gritos de guerra e os ais de desespero e dor!  
-O tempo passava e a povoação aumentava.(RANDAZZO, 1969, p.12).

Uma povoação que aumentou e deixou registradas na história oficial as figuras principais, cujos nomes refletem na sua heterogeneidade as procedências daqueles a quem se deve a origem de Cuiabá e região:

No espelho de minhas águas, refletiam-se rostos das terras distantes e nos murmúrios das minhas corredeiras ampliavam-se nomes. Alguns tinham tal ressonância que até hoje pairam no vento, no ar e ainda são ouvidos. Luis de Albuquerque... Ricardo Franco... Francisco Prado... Langsdorff.. Hércules Florence... os dois Taunay.. os dois Den Steinem... Leverger... Alexandre Ferreira.. Castelnau... e tantos, tantos outros... (RANDAZZO, 1969, p.12 e 13).

E outros que, refletindo a passagem do tempo e da história, ampliaram as suas ações para fora do domínio do rio Cuiabá:

- Daqui saíram (sic) homens dos quais me orgulho de terem meu apelido. Padre Siqueira... Senador Azeredo.. Dom Aquino... o grande Rondon... Estevão de Mendonça Dutra... os Corrêa da Costa.. Generoso Ponce.. Virgílio Corrêa Filho.. Nilo Povóas e os Povóae muito mais, seja do passado ou do presente, destacando-se nas mais variadas atividades... (RANDAZZO, 1969, p.13).

E concomitante a eles, o rio se apresenta como o canal de comunicação e intercâmbio:

Todos da cidade dependiam de mim, levava-os para onde quisessem, trazia-lhes notícias de todo mundo. Tinham por mim as alegrias, os

divertimentos, zarzuelas e circos, amores e amizades. Ai de mim, também a tristeza, as dores, o luto.(RANDAZZO, 1969, 13).

Em certos momentos, a voz do rio se matiza de nostalgia. “Como era vibrante este rio que te fala!” “Era”, quer dizer que já não tem as mesmas forças de antes, por isso, só murmura. Também como manifesta a nostalgia.

Enquanto o rio dialoga com a brisa, tem-se a impressão de que desaparece o narrador. Mas, na verdade, ele está observando, como todos nós. E em certos momentos, mistura a sua voz à da brisa. “-Mas disse a brisa espreguiçando suas asas diáfanas embora com os olhos cheios de atenção, porque falas só em termos do passado e com esta nostalgia?” (RANDAZZO, 1969, p.13). E a resposta aponta para o objetivo central desta crônica: “-Porque sou um pai um tanto esquecido, embora orgulhoso da independência de sua obra.” (RANDAZZO, 1969, p.13). Ontem rio épico, hoje:

-Sou agora o rio dos humildes. Das Marias, Sebastianas, Filomenas, que dão um colorido belo e até doloroso com seus panos multicores secando em minhas pedras, dos pescadores que nunca me abandonaram, o que confiados em mim arrastam suas rêdes, certos que os devolvo, bojudas de peixes; dos feirantes que chegam com suas canoas carregadas de singelos produtos.

- Sou também o Rio dos amigos de sempre, embora às vezes como qualquer pai, incho de raiva, mas minhas zangas são passageiras, recolho-me ao leito e continuo levando Cuiabá para a História. (RANDAZZO, 1969, p.13).

Toda a fala do Rio está pejada pelo sentimento do tempo decorrido, das lembranças, estas principalmente das relações humanas que se estabeleceram não só entre os primitivos habitantes - então vistos como inocentes - e os colonizadores, mas à integração de toda ordem - étnica, social, econômica - para dar origem à sociedade mato-grossense. Ele mesmo se representa como

encarnação do pai, que vai acompanhando o tempo e as transformações, mas, como assinala no final, a visão crítica se alia ao sentimento amoroso que, agora, acolhe, se centraliza na parcela dessa mesma sociedade que, nesse movimento histórico, trouxe também o seu aspecto negativo, a estratificação social: se ele continua sendo o ponto de referência – antes foi o caminho de penetração no território, o provedor indispensável da sobrevivência, e o espaço a que se acorria – não é mais para todos, somente do estrato dos humildes: lavadeiras, pescadores. O seu discurso se fecha indicando o *ethos e o pathos* com que deve ser ouvido e lido, com uma frase de efeito que se destina, na verdade, ao leitor real *desta* crônica: “continuo levando Cuiabá para a História.”

“Calou-se então o Rio, porque a aurora vinha chegando com o sol”, finaliza o narrador anônimo (RANDAZZO, 1969, p.13), devolvendo a cena da enunciação pelo tempo decorrido e anunciando um tempo feliz: “a primeira chuva dos cajus.”

A jovem brisa ergueu-se dos braços do rio e rodopiando graciosamente, iniciou um bailado fantástico e invisível enquanto se mirava sobre as águas. Depois beijou de leve o Rio, arrepiando-se todo subindo célere para a cidade afim de reunir-se a suas companheiras: iriam fazer a primeira chuva dos cajus! (RANDAZZO, 1969, p.14).

### “Salve Cuiabá”

A crônica “Salve Cuiabá” dialoga intertextualmente com “Murmúrios do Rio Cuiabá”. Embora em ambas as edições da obra se situe numa segunda parte dela, ou seja, além do meio. O leitor atento vai notar que a autora trabalha com vários motivos observados na crônica anterior, inclusive transcreve quase literalmente trecho dela. Focaliza agora a cidade que se desenvolveu às suas margens desde a chegada dos bandeirantes até a década de 60.

Diferentemente de “Murmúrios do Rio Cuiabá” em que a autora antropomorfiza o rio, em “Salve Cuiabá” um narrador-observador não identificado faz seu discurso de homenagem a ela, em data de seu aniversário, como indica de antemão o próprio título, apoiando-se em uma releitura do passado através de uma memória coletiva. A crônica se inicia pela descrição do espaço apresentando o mundo natural, fazendo uma ambientação do espaço, em que se dá destaque à flora cuiabana.

Numa linguagem mista de nativismo e romantismo, em que sobeja a adjetivação, às vezes, matiza com um toque de sensualidade o movimento das plantas: “Lianas retorcidas abraçavam sensualmente os troncos que subiam para o alto, atirando as verdes ramagens indolentes ao balanço da ventania do fim das águas...” (RANDAZZO, 1969, p.135). Em seguida, opta-se por uma natureza pura, virgem, inocente, um cenário de felicidade, livre do elemento humano. “Plantas aquáticas batiam plaque plaquemente na água do rio ainda escuro que vinha roçar-se suavemente nos barrancos...” (RANDAZZO, 1969, p.135). Para preparar a focalização do índio, como parte, não destoante, do cenário visualizado em suas formas de ocupação do espaço: “Nas margens, e aqui e ali entre os afluentes do plácido Cuiabá, espalhavam-se os aldeamentos nômades dos índios Coxiponés”. (RANDAZZO, 1969, p.135). Como se declara logo em seguida: “Os índios fundiam-se na natureza primitiva e agreste e tudo era tranquilidade”. (RANDAZZO, 1969, p.135). Como na crônica anterior, não se esquece de sua cultura e também da presença do elemento que desencadeará a transformação dessa situação inicial da trama, sinteticamente dada: “Nas noites estreladas acendiam festivas fogueiras e ao som dos atabaques os pés e descalços dos dançarinos pisavam em estranhas pedrinhas que refulgiam como pequenos sóis”. (RANDAZZO, 1969, p.135). Assim como em “Murmúrios do Rio Cuiabá”, o narrador-observador reitera o motivo do indígena como um bom selvagem.

Aquilo que parecia, nesse discurso-homenagem, a evocação lírica da paisagem paradisíaca – criada pela memória- de um lugar que assim se distingue dos espaços da cultura e da civilização, na verdade tem uma função narrativa específica: a criação exatamente de um estado, na sua imobilidade em que tudo se situa em seu lugar e se comporta como deve.

Esse quadro prepara a entrada da força que o mobilizará, fraturando-o. O anúncio dela se faz dentro dos parâmetros das narrativas populares: a natureza se encarrega desse papel, marcando a pontualidade do acontecimento: “Mas houve um dia que repentinamente os pássaros do alto das copas das árvores emudeceram enquanto bandos de foscos macaquinhos agarrando-se fortemente nos galhos, espiavam assustados e curiosos o rio lá embaixo”. (RANDAZZO, 1969, p.135). E a entrada da força destoante que perpetuará a falta se faz com estilo: “Por entre o barulho do bater dos remos, ergueram-se as vozes tonitruantes de homens barbudos e de olhar insolente”. (RANDAZZO, 1969, p.135). Matizada pela subjetividade e inventividade do narrador, dá-se entrada à referência histórica na figura do bandeirante, prototipicamente configurado:

Numa réstia de praia lambida pela água desembarcou um altivo paulista cujos olhos dardejando chispas de audácia varreram os arredores: chamava-se Paschoal Moreira Cabral, e estava desembarcando nas próprias páginas da história! (RANDAZZO, 1969, p.135).

A sua aparição reitera o que já se enunciara: ela está marcada pelo contraste, que vai implantar a figura do “assombro” de que fala María Eugenia Flores Treviño (2014), ao focalizar o encontro-confronto de Hernán Cortez com as tribos nativas no México:

Seu olhar procurava os simples e inocentes homens de pele acobreada que despidos de malícia e com os corações batendo doidamente tinham

fugido céleres através da mata com as mulheres levando os pequenos curumins nas ilhargas. (RANDAZZO, 1969, p.135).

Num sentimento confuso, indeciso de quem adota a perspectiva temporal, localizado no futuro já ocorrido, o narrador, ao mesmo tempo em que intenta privilegiar a visão da inocência dos nativos, e a sua posição de vítimas de agressão, não deixa de reconhecer o valor do agressor cuja figura assim entrará para a História: bandeirantes “arrogantes” mas também “intrépidos”, que tinham “atravessados léguas e léguas de desconhecidos sertões, cheios perigos para prearem os indefesos silvícolas”. (RANDAZZO, 1969, pp.135 -136).

A reação – na função “reparação do dano” propiana – ocorre: “Não tardou, porém que fossem surpreendidos com uma investida dos Coxiponés”, a partir de uma ideologia presente em toda nossa história de libertação da metrópole: “que depois do primeiro susto, preferiram defender com a própria vida a liberdade de viverem livres...” (RANDAZZO, 1969, p.136 ). O resultado desse confronto aparece pela oposição localizada. De um lado: “Muitos morreram, e os remanescentes angustiados e infelizes refugiaram-se nas serras ao longe”; e de outro: “enquanto os bandeirantes refaziam-se plantando roças para o suprimento necessário”.

A cronista, fiel às etapas do processo histórico desbravador, segue dentro do mesmo estilo narrativo e retórico. Um estado que se quebra repentinamente e novo assombro se instala:

[...] explodiu uma certa manhã a nova que na margem direita dum córrego batizado com o de nome de Coxipó, tinham encontrado em grande abundância o raro metal. E das gargantas daqueles homens saiu um só grito [...] OURO! E o brilho maravilhoso das arrobas de puro ouro empanou e fêz desaparecer o desejo dos bandeirantes pelas caçadas cruéis aos pobres silvícolas. (RANDAZZO, 1969, p.136).

E coerente com esse espírito, a focalização eufórica da nova etapa do processo civilizatório, em que o resultado positivo da ação do vilão –reconhecido na figura contemporânea da cidade homenageada-

E eis que assim foi que do seio da mata luxuriante, por entre o cascalho dos córregos calmos, do meio da areia macia do rio Cuiabá que aqueles bandeirantes audaciosos, como Paschoal Moreira Cabral, Miguel Sutil, Fernão Dias Falcão, Antônio Pires e tantos outros foram arrancando as pepitas douradas e preciosas para prepararem o berço esplêndido da cidade que nascia. (RANDAZZO, 1969, p.136).

a leva a uma justificativa com gosto de fatalidade: se “Houve também muito choro de dor e lágrima de sangue”- isso se explica “ pois como em todos os nascimentos a vida principiava acompanhada pelo sofrimento e pela angústia”. (RANDAZZO, 1969, p.136). E daí nascem as figuras ícones da fundação da cidade, de sua história e cultura; é preciso nomear não só o primeiro, mas também os que o seguiram- “aqueles bandeirantes audaciosos, como Paschoal Moreira Cabral, Miguel Sutil, Fernão Dias Falcão, Antônio Pires e tantos outros”- porque, na verdade, eles “ prepara [vam] o berço esplêndido da cidade que nascia”. (RANDAZZO, 1969, p.136). Também não sabiam os indígenas o que se sabe agora:

E o sangue dos seus primeiros e às vezes rústicos filhos crestados pelo sol, pelo vento e pelos rudes trabalhos foi aos poucos se amalgamando num novo tipo altaneiro que possui um toque de ouro no coração: o cuiabano!(RANDAZZO, 1969, p.136).

## Conclusão

A troca de posição de “Pagmejera, Pagmejera”, de última peça na primeira edição da obra para a que a abre na edição da

Coleção Obras Raras, que sofreu intervenções da própria autora, tem sentido, embora permaneça com o mesmo significado. Se a ordem na leitura dos capítulos orienta a constituição do sentido deles e a significação de cada uma, então se pode dizer que a mudança teve um propósito. Na primeira versão, o panegírico fechava o percurso realizado na sequência das páginas, como em uma apoteose: um tom elevado, conforme exigiria a própria imagem almejada - aí construída- do Marechal Rondon.

A figura que ali se plasma é a que faz parte do discurso historiográfico oficial (nem sempre homologada por outros). Ao chegar a ela, o leitor é obrigado ou é convidado a proceder a uma retroleitura realinhavando num mesmo conjunto o que possa ter apreendido em cada narrativa ou crônica.

Falando cotidianamente e em pequenas doses, e fazendo-as circular pela comunidade pelo que então era o meio mais fácil – além do rádio – de divulgação, a escritora se determinava a realizar um projeto não só literário em sentido estrito mas literário enquanto forma de criar, confirmar e consolidar um sistema de valores e imagens em que uma determinada comunidade se reconhece ou passasse a reconhecer-se. Ao abordar diferentes temas, motivos, aspectos do cotidiano ou acontecimentos no verdadeiro sentido da palavra, ela configurava como que um sistema de imagens que provocasse o conhecimento ou o reconhecimento do cuiabano e de seus vizinhos como uma comunidade.

Nesse reconhecimento, a recuperação do passado através de memória era fundamental: daí na segunda edição ao trazer para a abertura o panegírico daquele que então se declarava como o herói da região, um herói civilizador, a cronista torna mais explícita essa sua intenção, e a maneira como ela desejava que a sua obra fosse lida.

Mesmo que mobilizando todo um corpo de clichês, com situações e soluções de gosto duvidoso, de uma retórica ultrapassada, mesmo no panorama cultural de Cuiabá, o que se flagra ali é a configuração de uma memória que ela quer coletiva.

Os motivos e figuras que se congregam na obra como um todo são reconhecíveis como da região, não tão somente da cidade de Cuiabá, ainda que girem ao redor dela. Se há espaços que são totalmente rurais ou urbanos, é bem verdade que em várias narrativas há um intercâmbio deles, seja pela própria movimentação das personagens, seja pela própria estrutura do relato. Cria-se um desencontro entre o estilo retórico literariamente defasado – ainda que haja momentos bem felizes como aquele em que focaliza o cerrado – e o estrato narrativo, com suas personagens, histórias que remetem antes a um mundo mais agreste, menos cultivado. Apesar disso, é louvável que a cronista tenha trazido para a cena literária, e com ela ao imaginário do mato-grossense, todo um mundo que tardaria a ser assim incorporado. Combinando com essa ambiência, estão no livro várias narrativas que se localizam, enquanto gênero, numa fronteira, ou numa zona que antes classificaríamos como lenda (e não urbana) e como “causo”, bem ao gosto popular.

Esses elementos- tanto, portanto, na dimensão do relato, das histórias, dos motivos, quanto na dimensão literária do gênero- constituem o mérito central da escritora.

## Referências

CANDIDO, Antonio (org.). A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. In: \_\_\_\_\_. **A vida ao rés-do-chão**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

COUTINHO, Eduardo de Faria. Ensaio e crônica. In: COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. Vol.6. –5. ed. Ver. e atual. - São Paulo: Global, 1986.

COUTINHO, Afrânio. Crônica. In: **Introdução à literatura no Brasil**. 17ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

FLORES Treviño, M. O assombro como origem da literatura mexicana .in PINTO, Aroldo *et alii*. **Esse entre-lugar da literatura**: concepção estética e fronteiras. São Paulo: Arte e Ciência, 2013. p. 271-297.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. **História da literatura de Mato**

**Grosso:** século XX. Cuiabá: Unicen Publicações, 2001.

MENDONÇA, Rubens. **História da literatura mato-grossense**. 2 ed. especial. Cáceres: Editora Unemat, 2005.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária:** poesia. 12ª ed. São Paulo: Cultrix, 1985

PROPP, V. **Morphologie du conte**. Paris: Gallimard, 1970.

RANDAZZO, Vera Yolanda. **Pagmejera, Pagmejera!** Bauru: Bandeirantes LTDA, 1969.

\_\_\_\_\_. Crônicas e contos. In. CARVALHO, C.G. e VILALVA, W. (org.). **Vozes femininas**. Cuiabá: Academia Mato-grossense de Letras e UNEMAT. 2008. Vol.6. Coleção Obras raras. p.195-302.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **História de Mato Grosso**. Da ancestralidade aos dias atuais. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A2ndido\\_Rondon](http://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A2ndido_Rondon);

[http://www.e-biografias.net/marechal\\_rondon/](http://www.e-biografias.net/marechal_rondon/)

## Notas

<sup>3</sup> Por isso, utilizamos neste trabalho a edição original.

<sup>4</sup>Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cuiab%C3%A1>> Acesso em: 16 de jun. de 2014.

<sup>5</sup> Marechal Rondon - Cândido Mariano da Silva Rondon- (1865-1958) nasceu em Mimoso, hoje Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso. Filho de Cândido Mariano e Claudina Lucas Evangelista, esta descendente de índios Bororos. Órfão ainda criança, foi criado por um tio, que era Capitão da Guarda Nacional. Ingressou na Escola Militar do Rio de Janeiro em 1881 e depois foi transferido para a Escola Superior de Guerra, com cuja autorização do Ministério da Guerra incorporou o nome Rondon, em homenagem ao tio que lhe criou. Indicado componente da Comissão Construtora das Linhas Telegráficas, para explorar os sertões do Mato Grosso, no ano de 1892, partiu do Rio de Janeiro até Cuiabá, posteriormente até o Acre. Em 1907 descobriu o rio Juruena. Efetou, no ano de 1913, uma expedição às margens do Amazonas junto com Theodore Roosevelt, que tinha como objetivos obter material para o Museu de História Natural de Nova York e de fixar com maior precisão certos detalhes geográficos, além de definir o traçado definitivo do rio Roosevelt. Do ano de 1927 a 1930, Rondon foi o responsável por inspecionar as fronteiras do Brasil, do Oiapoque até a divisa da Argentina com o Uruguai. Criou o Serviço Nacional de Proteção ao Índio e foi elogiado, em 1913, pelo Congresso das Raças em Londres, ressaltando que a obra de Rondon deveria ser imitada para honra da Civilização Mundial. Recebeu o título de Civilizador do Sertão, no ano de 1939, pelo IBGE. No ano de 1956 foi dado ao Território do Guaporé o seu nome, que hoje é denominado Estado de Rondônia. Cândido Mariano da Silva Rondon morreu no Rio de Janeiro, no dia 19 de janeiro de 1958. Cf. [http://www.e-biografias.net/marechal\\_rondon/](http://www.e-biografias.net/marechal_rondon/)